

A ideia deste livro é trazer para o público brasileiro parte do que vem sendo produzido no mundo, no campo do currículo. Em nossos estudos e pesquisas fomos conhecendo alguns e algumas d@os mais importantes teóric@s que tratam, direta ou indiretamente, da questão do currículo – alguns e algumas poderiam ser considerad@s especialistas em currículo, outr@s abordam a questão curricular apenas indiretamente, por não ser essa a sua principal preocupação. Tod@s, no entanto, referem-se à escola. Uns mergulham em seu cotidiano, outr@s focalizam a relação da escola com o seu entorno – a comunidade, a cidade, o país, o mundo globalizado. Uns refletem sobre experiências práticas, outr@s desenvolvem discussões teóricas. Procuramos escolher “o melhor”, certos de que muito do que há de “melhor” ficou de fora de nossa seleção, pelo limite do número de páginas de um livro. Nesse esforço, reunimos intelectuais da América Latina, da América do Norte, da Europa, da África, da Austrália. Do espectro mundial, acreditamos estar apresentando um pouco do que nos parece significativo.

Regina Leite Garcia

Antonio Flavio Barbosa Moreira

(Organizadores)

Currículo na contemporaneidade incertezas e desafios

Antonio Flavio Barbosa Moreira • Beatriz Sarlo

Gunther Krass • James G. Ladwig

Johan Muller • John Willinsky

José Gimeno Sacristán • José Gregorio Rodríguez

Juan Carlos Garzón • Luiza Cortesão

Nicholas Burbules • Regina Leite Garcia

Stephen R. Stoer • William F. Pinar

ISBN 85-249-0973-0



9 788524 090973

 **CORTEZ**
EDITORA

 **CORTEZ**
EDITORA

Regina Leite Garcia • Antonio Flavio Barbosa Moreira

(Organizadores)

Antonio Flavio Barbosa Moreira • Beatriz Sarlo
Gunther Kress • James G. Ladwig
Johan Muller • John Willinsky
José Gimeno Sacristán • José Gregorio Rodriguez
Juan Carlos Garzón • Luiza Cortesão
Nicholas Burbules • Regina Leite Garcia
Stephen R. Stoer • William F. Pinar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Currículo na contemporaneidade : incertezas e desafios / Regina Leite Garcia. Antonio Flavio Barbosa Moreira (organizadores) : [traduzido por Silvana Cobucci Leite. Beth Honorato. Dinah de Abreu Azevedo]. – São Paulo : Cortez, 2003.

Vários autores.
ISBN 85-249-0973-0

1. Currículos. 2. Educação – Brasil – Currículos. I. Garcia, Regina Leite. II. Moreira, Antonio Flavio Barbosa.

03-5621

CDD-375.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Currículos : Construção e planejamento : Educação 375.001

Currículo na contemporaneidade incertezas e desafios

O significado e a função da educação na sociedade e na cultura globalizadas

*José Gimeno Sacristán**

1. Por ocasião de uma aberrante atualidade

A proximidade da experiência que estou vivendo enquanto articulo uma série de idéias sobre o título deste trabalho oferece-me uma oportuna e muito lamentável ocasião para demonstrar alguns dos importantes desafios que a condição da globalização apresenta para a educação. Refiro-me ao ataque bárbaro contra as Torres Gêmeas de Nova York e às consequências que ele vai trazer, a curto e a longo prazo, para todo o mundo, nas esferas econômica, militar e política, nas comunicações, nas práticas de controle dos cidadãos, nas relações internacionais, nas interações entre as religiões e as culturas, na vida das cidades, nas escolas, na pesquisa, talvez no direito, em nossos medos e em nossas fobias...

* Traduzido por Silvana Cobucci Leite.

O atentado foi realizado no momento em que as imagens desse espetáculo tão dantesco e assustador podiam ser vistas à luz do dia, para que não perdêssemos a mensagem que tal ação implicava. Os impactos em uma e outra torre se distanciaram entre si, como se o primeiro servisse para despertar os meios de comunicação, para que transmitissem ao vivo, para todo o mundo, o segundo choque e a implosão final, deixando-nos apinhados ao redor da televisão, grudados no rádio, à espera das edições extraordinárias dos jornais. Todos éramos um pouco ou bastante nova-iorquinos em uma aldeia global particular provocada pelo fato e por sua notícia. Todos estávamos ali, “em tempo real”, em nossas casas. Conhecíamos e sentíamos em uníssono com os nova-iorquinos; todos formávamos, exatamente, uma comunidade de conhecimento e de sentimentos. Boa parte de nós tememos também pelas vítimas inocentes da represália ao Afeganistão e pelas conseqüências imprevisíveis dessa represália. Laços de significados diferentes entre distintos grupos de pessoas que expressam sua solidiedade com as causas enfrentadas. Uma espécie de comunhão à distância se estabelece por meio de laços invisíveis entre pessoas que em geral não se conhecem de perto, mas que sabemos que estão aí, como pessoas iguais a nós.

Vivemos em um mundo intrincado que diz respeito a todos nós, para o bem e para o mal. Embora com diferentes graus de proximidade, formamos comunidades que compartilham experiências para além das circunstâncias locais que rodeiam a cada um de nós. Estamos com outros para além do círculo de pessoas com as quais estabelecemos vínculos diretos.

Que está por trás de toda essa barbárie? Precisamos compreender, rapidamente, o inconcebível, procurando estabelecer conexões entre fatos passados e presentes que denunciam as inter-relações entre os povos muito diferentes e desiguais da Terra, entre os conflitos que os afligem. Precisamos saber como o que ocorre hoje em determinado lugar é explicado pelo

que ocorreu no passado e pelo que acontece no presente em outros lugares, sem que isso implique diminuir as responsabilidades pelo desastre. Vemo-nos obrigados a compreender como uma sociedade depende solidariamente de outras e como os enfrentamentos bélicos, as divisões econômicas e a fidelidade a diferentes deuses produzem catástrofes locais que afetam a todos nós.

Identificados os autores como “árabes” ou “muçulmanos”, somos informados de agressões a pessoas com essas características e a estabelecimentos de sua propriedade. A mesquita do lugar em que moro, bem distante daquele em que ocorrem os fatos, era protegida pela polícia, pois, a milhares de quilômetros do cenário real, surgiam respostas descontroladas. Pessoas diferentes dos habitantes daqui e de lá se sentiram e se sentem inseguras por sua condição étnica, cultural e por sua crença religiosa, porque todo um grupo é incriminado em função da pertença cultural dos autores. De repente, temia-se que os povos (setores deles) se enfrentassem em nome de seus deuses, corroborando as teses de Huntington (1997) sobre o *choque de civilizações* e suas conseqüências na configuração da ordem mundial¹. Esses fatos subsequentes lembramos que podemos identificar grandes grupos com base em como percebemos determinados indivíduos e vice-versa. Os palestinos foram equiparados exatamente aos malvados que acabaram com a nossa tranquilidade e provocaram o horror; a polícia israelense aproveitou a oportunidade para massacrar cidades palestinas. O conflito envolve povos distantes (um, o poderoso, avançado e rico do Norte; os outros, um exemplo da miséria do Sul).

Semanas depois, a lembrança continua em nossa memória, mas começamos a ver outras conseqüências. Anunciam-se prejuízos econômicos em diferentes empresas, queda do turismo, a dispensa de milhares de trabalhadores, o medo da recessão econômica. Não sabemos como se lidará com tudo isso e

como isso afetará a opinião pública e o voto dos cidadãos. Parece, pois, que todos morávamos um pouco perto das Torres Gêmeas, que fazíamos parte de uma comunidade virtual em torno delas, ainda que não o soubéramos. O atentado deixou isso claro e, de qualquer modo, somos atingidos pelos escombros, mesmo que não estejamos informados do pertencimento a essa comunidade invisível ou não o sintamos. É evidente que estamos conectados uns aos outros pelo conhecimento — e mesmo pelo desconhecimento —, pelos sentimentos e pela simpatia, pela rejeição à barbárie e também pelos “inimigos” que nos ameaçam. Comprovamos que laços de intensidade desigual nos unem a pessoas diferentes, que nosso bem-estar é interdependente, ainda que vivamos em continentes afastados, e que nossa segurança pode mostrar-se precária se o mal-estar dos outros é agravado ou não é resolvido. Nossas vidas acontecem em determinados lugares, mas seus conteúdos se preenchem dos que procedem de muitos outros. “O estranho” é aquele que, por uma avaliação equivocada ou por desconhecimento, nós acreditamos que não nos afeta e ao qual, portanto, podemos permanecer indiferentes.

Em nosso pequeno e imediato mundo está o Mundo, quer o conheçamos, quer não, quer o queiramos, quer não, quer nos beneficie ou nos prejudique. Essa interdependência é uma condição da realidade que se evidencia no que ocorre e no que acontece conosco. A idéia de que estamos em uma *aldeia global* é uma forma de ressaltar a interdependência entre seres humanos, países, povos e culturas, bem como a fragilidade dos laços que nos unem. De repente, entrou em nossa casa um mundo que sabíamos existir, mas que se mantinha a uma distância que é característica da atualidade dos atuais meios de informação. Agora, não apenas sabemos que existe, mas somos atingidos por sua presença, por suas aberrações e também por seus sofrimentos e problemas. Em cada momento, lança-se mão de algumas idéias chave para tentar explicar o

modo como se percebe o mundo, para dar conta de como ele é. A globalização é o termo escolhido atualmente para expressar as inter-relações econômicas, políticas, de segurança, culturais e pessoais que se estabelecem entre indivíduos, países e povos, dos mais próximos aos mais afastados lugares do planeta. Os meios de comunicação evidenciam essa realidade, ao mesmo tempo em que a constroem de uma maneira particular, de acordo com a seleção particular das informações que transmitem.

Uma dimensão do problema, mais sutil do que o trauma causado por esses fatos nos produz, reside na consciência do papel que algumas idéias — a cultura, as crenças religiosas — desempenham em fatos como esse, para além de outras considerações determinantes, históricas, geopolíticas e econômicas. A cultura é importante para dar consistência a mal-estares, infligir danos, desvalorizar os outros, sentir-se superior a outros; para justificar e preparar a ação. Nós, que temos em nosso saldo histórico particular “reconquistas”, “conquistas”, “cruzadas” e as mais variadas guerras de religião que puseram a espada a serviço da cruz, deveríamos saber muito a esse respeito. Os talibans destruindo as estátuas de Buda irritam-nos e nos fazem remontar a nosso passado em que levantamos novos templos nos lugares em que se cultuavam deuses dos inimigos vencidos. Na Europa atual (Irlanda do Norte e País Basco) assassina-se e morre-se por projetos políticos que servem a causas ancoradas em motivos religiosos e culturais. Por razões de diferenças culturais (não só), marginalizam-se os cidadãos e escravizam-se os imigrantes. Nós temos nossos próprios talibans bárbaros.

Sem menosprezar as complexas causas econômicas e políticas para explicar os fatos que vivemos, o surpreendente desse malfadado acontecimento, que nem sequer o cinema especializado em desastres pôde imaginar (talvez o tenham feito os videogames que compramos para nossas crianças, que

ultrapassam qualquer fronteira entre o possível e o impossível, entre o aceitável e o aberrante), é que o atentado tenha sido perpetrado graças à imolação dos que o realizaram, em nome do chamado de seu particular deus verdadeiro e contra os infiéis que eles determinam. Pode-se assassinar, morrer e suicidar-se por idéias, em nome da cultura erigida como única e verdadeira, evidenciando como a arquitetura de crenças que estruturam nossa mente, à qual se liga uma espessa gama de sentimentos, se converte em força motriz de nosso comportamento individual e coletivo. São idéias e sentimentos que nos constituem a ponto de ir contra nós. Não é algo original e surpreendente que tenha ocorrido pela primeira vez na história. Fica claro que a cultura é campo de conflito e de pretexto para brigar: alguns o fazem por Alá, outros proclamam o *God bless America!* (Deus salve a América!). Em sua terrível ação, os terroristas foram movidos não por uma furiosa ocorrência ou por um impulso repentino, mas por um amplo, cuidadoso, racionalizado e bem-pensado plano, fruto de mentes de seres humanos bem construídas pela educação (algo que os nazistas mostraram muito bem nos campos de concentração), que primeiro se haviam apossado de um conhecimento especializado, que tinhamos confiado que funcionasse somente em uma direção daquilo que denominamos *desenvolvimento*.

Descobrimos um dos princípios que orientam as sociedades modernas — ocidentais —: a imprevisibilidade. As sociedades abertas não têm seus rumos traçados. Só que tal insegurança não reside apenas na indeterminação que vai fechando a tomada de decisões em uma sociedade reflexiva, mas provém também dos contrastes em um mundo no qual as relações entre povos e culturas partem de tantas desigualdades, acentuadas pela globalização, que não está integrado, que aniquila comunidades que se vêem obrigadas a reforçar seus laços de pertença cultural para se defender. O que admitimos como civilização e como nosso estilo de vida é para outros algo

diabólico e subdesenvolvido. Do medo do enfrentamento atômico vamos começar a sentir os conflitos provocados pelas desigualdades que desalojam partes importantes da humanidade do presente e da história. O conflito entre culturas denuncia em muitos casos uma oposição entre os marginalizados e seus marginalizadores. Damos conta da existência de um mundo globalizado no qual se produzem aproximações e transferências de cultura, mas no qual, ao mesmo tempo, também se tornam próximos os contrastes e os motivos para os enfrentamentos decorrentes das desigualdades.

Consideramos inverossímil que alguém se suicide com suas vítimas, derrubando um avião, para defender uma causa. Acreditamos que a sobrevivência de alguém está acima do desaparecimento do inimigo, e essa é a mínima convicção que nos resta para nos dar segurança: “o outro não fará contra mim nada que o prejudique”. Nenhuma pessoa que toma um avião ou um trem suspeita da bagagem de quem está no assento ao lado. A confiança nessa lógica, base da sobrevivência em sociedade, levava a esquecer um fato muito elementar: que há indivíduos que podem deixar em segundo plano o valor que dão às suas vidas, submetendo-o a outros valores e outras representações mentais do mundo, enraizadas na cultura. É o que ocorre quando a honra do soldado se sobrepõe à fuga para sobreviver. Pedestais, estátuas comemorativas e altares estão repletos de exemplos que glorificam o fato de dar a própria vida e tirar a de outros pelos mais diversos motivos e sem motivo nenhum: a glória, a pátria, a eternidade... Só que nesses casos se racionaliza a escala de valores aduzindo causas nobres. Uma vida bárbara alimentando fanáticos ou fanatizandos com ela é um poderoso motor na vida das pessoas, dos povos e das culturas, como bem mostra a história. As idéias influenciam a conduta das pessoas e a dos grupos sociais. Tanto a preocupação dos intelectuais estadunidenses pela identidade (o que nos identifica e com o que nos identificamos) e por

seu reconhecimento não chegou a fazer com que se suspeitassem de que algumas identidades de grupos religiosos fanatizados imaginam que, ao se imolarem, alcançam o paraíso.

O mercado em escala mundial (que está longe de abranger todo o intercâmbio comercial) não integrou os países e seus habitantes, nem poderá fazê-lo, dados os baixos níveis de competitividade de que muitos partem; isso é claramente insuficiente. As desigualdades na partida só podem produzir mais desigualdade, acentuada no caminho e na chegada. A globalização não pode ficar restrita a uma conexão entre “os de cima”, deixando excluídos “os de baixo”. Intercambiar bens e produtos cria laços de interdependência (e também de dependência), mas por si só não gera relações pessoais, laços de solidariedade, a partilha de sonhos e projetos, a compreensão e o respeito ao outro etc. A sociabilidade precisa apoiar-se em outras interdependências, em formas de integrar os indivíduos em atividades e projetos comuns. Os intercâmbios comerciais levaram à aproximação de povos e culturas, à criação de normas mais universais para seu melhor funcionamento. Também geraram enfrentamentos. Contudo, uma perspectiva neoliberal de mercados mundiais descontrolados, ao não distribuir riqueza, não aproxima nem integra, mas provoca migrações, destruição de redes comunitárias, aumento das desigualdades, exclusão de países inteiros. Não se pode deixar de considerar a sociedade, as dinâmicas que “enredam” os indivíduos que a compõem: suas interdependências, conflitos, insatisfações e modos de se integrar e de se sentir não excluídos dela. Já sabemos que o mundo está interligado; agora comprovamos como alguns valores essenciais para a civilização e, para outros, a objetivação do inimigo. Sem atender à sociedade, à maneira como os indivíduos nela se enredam e à cultura que os une ou os distancia, o mercado pode conectar os comerciantes, os produtores e consumidores, mas, se não atende a outras formas

de inter-relação, tanto em pequena escala como em escala global, desfaz laços sociais de cooperação e o sentido de pertencer a algo junto a alguém.

Observemos uma última evidência: a racionalidade científico-tecnológica, o interesse em dominar e governar o mundo físico, a aplicação da lógica econômica, não podem, por si só, governar o mundo, dotar nossas vidas de sentido, consolidar relações harmoniosas e preencher nossas aspirações de co-nhecer e de ser. Uma simples arma branca manejada por uma idéia e alguns valores pode pôr fim a toda a parafernália tecnocientífica na qual se fundamenta nossa forma ocidental de ser e de viver. Não há escudo contra mísséis que nos proteja disso. É importante considerar as representações mentais dos indivíduos, as idéias sobre o outro, o entendimento das situações humanas de conflito, as imagens que elaboramos de nós mesmos em relação aos outros. E esse é o terreno da educação. A cultura é algo que caracteriza grupos humanos diferenciados e que cada indivíduo assimila de forma única. Isso há de ser considerado pela política e pela educação no mundo inter-relacionado que nos aproxima física e simbolicamente a todos, em relação ao que nos une, mas também em relação ao que nos separa. Essa é uma lição a tirar do que ocorreu. Precisamos ficar atentos ao que vem depois, pois julga-se que algo novo nasceu. O que realmente é novo é que nos conscientizamos desse fato, porque a realidade estava aí.

Poderemos viver juntos em um mundo que, ao promover a aproximação e o encontro de culturas, dá lugar a misturas desiguais? Se os conflitos têm parte de suas causas nas crenças e na cultura, ou se articulam em torno delas, isso significa que algumas de suas raízes estão em nossas mentes, posto que as culturas não são agentes dotados de vontade e de capacidade de iniciativa para se enfrentarem. Somos nós, os sujeitos que as possuímos, que empreendemos ações. Se em nossas mentes encontra-se a chave de alguns desses conflitos e da convivên-

cia, na educação pode encontrar-se alguma segurança de poder resolver os primeiros e consolidar a segunda.

2. Que chamamos de globalização?

Uma condição da realidade de nosso mundo

Passemos a discutir alguns aspectos formais para explicar a complexidade e ambivalência que se agrupam atrás dos fatos cobertos pelo guarda-chuva semântico de um conceito novo como o de *globalização*². A realidade englobada por ele não é toda a realidade: do que ocorre; portanto, não podemos conferir-lhe um valor totalizador, como muitas vezes pode verificar-se em sua utilização. Refere-se a fenômenos, processos em curso, realidades e tendências muito diversas que afetam diferentes aspectos da cultura, as comunicações, a economia, o comércio, as relações internacionais, a política, o mundo do trabalho, as formas de entender o mundo e a vida cotidiana, os quais, como podemos ver, portam um significado pouco preciso. Em cada uma de suas manifestações, adquire uma peculiaridade, e por isso precisamos esclarecer a que nos referimos, embora existam inter-relações entre as dinâmicas às quais se aplica a globalização. É um conceito utilizado para caracterizar a peculiaridade do tempo presente, reconhecido como a segunda modernidade, que começou a se forjar nas duas últimas décadas do século XX. *A globalização é uma forma de nos representar e de explicar em que consiste essa nova condição; um termo que se entrelaça com outros conceitos e expressões igualmente manejados em profusão: o neoliberalismo, as novas tecnologias da comunicação e o mundo da informação.* Todos eles tratam de explicar fenômenos diferentes, embora também se entrelacem estreitamente, e por isso não podemos referir a qualquer um deles sem relacioná-los com os demais, embora nenhum deles esgote os outros. Na medida em

que cada um envolve temas, problemas e conseqüências peculiares, podemos estruturar o discurso centrando-o em alguns deles. Entrelaçados, constituem um sistema intelectual para captar o sistema-mundo.

O contexto da educação em nosso tempo

É inegável que a conjunção das forças reunidas pelos quatro vetores assinalados constitui uma manifestação importante das políticas que governam a sociedade, que alteraram notavelmente o sistema produtivo e as atividades de trabalho, as culturas locais, as relações sociais e o sentido e a valoração do conhecimento. Decorrem de tudo isso mudanças importantes para o sentido e a orientação da política em geral, bem como para a educação em particular (a concepção da democracia e de suas implicações na educação, a organização do sistema educacional, a concepção e valoração do sujeito e a concepção da aprendizagem: sua finalidade, seu conteúdo e suas motivações). A partir das coordenadas desse contexto geral, é preciso adequar a educação às diretrizes que servem às prioridades assinaladas. Nesse contexto, é preciso também apresentar as possibilidades de sua ação transformadora. A complexidade e a incerteza no novo panorama, no momento de optar por uma narrativa para conferir sentido a nossas ações, é francamente notável.

O mundo globalizado é um mundo em rede, no qual as partes são interdependentes, constituindo uma rede de intercâmbios, empréstimos e acordos de cooperação; no qual se adotam padrões de comportamento, modelos culturais de outros ou algumas de suas características; no qual se tecem projetos e destinos (agora podemos comprovar que nossa segurança também está nessa rede). É um mundo com muitas possibilidades de comunicação, cujas partes se conhecem entre si, se influenciam reciprocamente, se apóiam ou se opõem. Temos a idéia

de que constitui um todo, embora com uma fraca coesão. Essa trama é o resultado de imposições dos poderosos sobre os que estão em inferioridade de condições, de hibridizações culturais, substituições, justaposições etc. Nesse mundo, o que acontece a uma pessoa repercute sobre as demais, como se fôssemos células de um órgão ou partes de um mesmo corpo. A rede conecta sociedades, culturas, a atualidade das vidas de povos e indivíduos, a economia, a miséria, a poluição ambiental, os enfrentamentos ou a política.

O fenômeno globalizador não é novo. A criação do Império Romano, as viagens de Marco Polo ou dos vikings, o Império Inca ou a cultura ocidental, a adoção do sistema métrico e do horário de trens são fenômenos e expressões de globalização. Marx procurou explicá-lo de outra maneira; seu pensamento denunciava um mundo capitalista globalizado e prometia outro também global. Assim que tomamos consciência de que navegar em linha reta levaria ao ponto de partida, adquirimos uma visão total do mundo (do globo) e percebemos que éramos moradores da Terra e não apenas em *noossa terra*. As naveas espaciais nos mostraram sua ridicúla pequenez e fragilidade. As leituras, as viagens e os meios de comunicação dotaram de conteúdo a idéia do caráter esférico de sua superfície, cheia de paisagens multifacetadas afetadas por algumas forças que, do interior ou da atmosfera, marcam um funcionamento unitário do planeta. Também compreendemos que na superfície esférica viveram e continuam vivendo povos e culturas separadas, mas que se moveram, deslocaram, enfrentaram, anularam, conviveram e fundiram umas com as outras. Talvez agora a novidade do fenômeno resida no fato de se produzir em escala mais ampla, de ser mais evidente em alguns aspectos e, sobretudo, de ter se acelerado graças às tecnologias da comunicação, porque ocorre em um contexto que denominamos *sociedade do conhecimento ou da informação*.

Estamos diante de um fenômeno que apresenta algumas dificuldades para ser manipulado corretamente e de forma unívoca no discurso intelectual.

a) Possui conseqüências desiguais. As interdependências a que se refere são assimétricas, pois, embora todos sejamos ou estejamos nos fios de uma teia de aranha que nos prende, encontramos-nos aí de diferentes formas: alguns a tecem em maior medida que outros e outros governam, mais do que outros, o que nela acontece. Em outras palavras, há dependências, além de interdependências. Daí que, enquanto alguns (países, grupos, pessoas) dela se aproveitam (logicamente se convertem em seus militantes "globalíficos"), outros a sofrem e, se chegarem a compreender o que lhes acontece, tornam-se "globalóbicos". A globalização, tal como vem sendo desenvolvida, une e opõe.

Perceber a dinâmica globalizante como uma onda expansiva de caráter imperialista e esmagadora das singularidades que encontra pelo caminho, nos assusta e nos põe de sobreaviso, embora os críticos mais ferrenhos da globalização talvez vistam gravatas italianas de seda oriental, façam esportes com tênis de marcas norte-americanas e bebam uísque em vez do vinho tinto da terra que incentiva a economia local.

b) *É algo cada vez mais complexo que os mercados*. Há dois tipos de lógica para analisar a globalização. Uma, que concebe esse processo como se fosse algo dirigido por um poder dominante identificável, cuja referência fundamental é a transnacionalização dos recursos financeiros, a interdependência da economia desestatizada e a mundialização dos mercados. Essa orientação tem seus adeptos e seus respectivos detratores. A partir dessa perspectiva parcial, analisam-se os mecanismos que destroem o emprego, os efeitos das emigrações, os riscos da mobilidade irrestrita dos capitais etc. Uma segunda forma de focalizar o problema consiste em ver a globalização a partir de dimensões mais amplas que as relacionadas à economia, ao

mercado e às políticas econômicas do capitalismo atual. Sem esquecer o efeito dessa vertente, é preciso descobrir outras manifestações de um fenômeno multifacetado no qual estão implicadas outras alterações culturais, sociais e dos sujeitos. Como afirma Beck (1999), novamente aparece essa dupla opção metodológica: a contraposição entre uma análise de base predominantemente marxista, diante de uma perspectiva weberiana, de tipo mais cultural. A União Européia, por exemplo, tem uma moeda comum que liga as economias dos países que a compõem, mas está longe de ter uma política educativa global para toda ela. As razões da universalização do inglês no mundo não são exatamente as mesmas que as que explicam a difusão do espanhol nos Estados Unidos e a maneira como a cultura hispânica se amplia. A difusão do primeiro pode ser explicada pelo peso da potência que o respalda, mas caberia perguntar: a menor extensão da língua japonesa reflete a potência econômica do Japão?

c) Implica uma reconversão da linguagem para indicar novas formas de estabelecer “comunidades” que questionam as referências básicas do Estado e da cultura para o indivíduo. A terceira dificuldade do conceito reside em que, ao tratar de compreendê-lo metaforicamente como uma rede assimétrica, as possibilidades de poder “exportar” influências para os demais ou “globalizar” outros no que é nosso são muito desiguais: uns determinam ou impõem fluxos à rede, outros se submetem ao que vem de outros ou ao que lhes é imposto. Essa imagem de mancha em que alguns se expandem sobre outros leva-nos a acreditar que algumas características culturais, formas de expressão, a economia etc. se globalizam à custa de anular os que são engolidos: os que podem dominam, anulam ou obscurecem as singularidades de outros povos. Ou seja, a globalização aparece como se fosse uma onda expansiva que inunda, coloniza, transforma e unifica o mundo, partindo de um ponto de origem a partir do qual se coloniza os que se alcança.

Mas, onde colocamos o limite para dizer que Wall Street globaliza a economia do mundo inteiro e que um Estado qual quer *estende* (não dizemos que globaliza) suas normas a toda uma nação ou grupo de nações? Por que não qualificamos a busca da independência de um país como uma reivindicação antiglobalizante em relação ao colonizador? Por que a expansão da cinematografia de Hollywood por quase todo o planeta é uma colonização globalizante, ou por que qualificamos de temível agente de globalização o predomínio do pensamento economicista, ao passo que não consideramos assim, por exemplo, a influência cultural das religiões sobre as grandes massas de população? Entre quais tipos de totalidades a adoção de algo comum ou sua imposição são vistas como *cultura comparilhada* e entre quais se convertem em *globalização*? A unidade eleita é a dos Estados, as etnias, uma tribo amazônica...? A partir de qual referência fronteiriça condenamos ou julgamos benéfica a unificação (não necessariamente uniforme) que supõe a globalização que assimila indivíduos e grupos, suprimindo a diversidade? São essas fronteiras os Estados, as culturas, as tradições estabelecidas, ou são elas definidas pelas vontades dos indivíduos? Qual é a comunidade própria do sujeito moderno que vive, trabalha e se diverte em diferentes lugares?

Cada grupo humano globaliza ou tem generalizado algo entre seus membros, precisamente para poder se constituir como tal grupo, seja ele uma tribo, um Estado, uma nação, uma comunidade de língua ou de religião, uma civilização, um império etc. Cada um desses âmbitos comunitários e sociais se constituiu graças ao estabelecimento de laços, vínculos, interdependências e imposições. A quais fronteiras aludimos quando nos referimos à globalização que as ultrapassa? Será que uma religião que engloba países e povos em vários deles não transpõe fronteiras entre grandes coletivos humanos? Será que uma língua em uma comunidade não normaliza seu uso entre comunidades que tendem a nela diferenciar dialetos? O direito internacional não é uma proteção que ultrapassa as frontei-

ras de países, comunidades culturais ou religiões? Herdamos um mundo com fronteiras entre homens e mulheres, entre poderosos e despossuídos, entre fiéis de diversos deuses, entre cidadãos defendidos por distintos Estados, de devotos de altares pátrios contrapostos, temos vivido dentro de culturas que nos distinguem a uns e a outros. Com quem nos unimos e para quê? Vivemos em uma comunidade, falamos a língua de outra comunidade, temos direitos compartilhados com outra comunidade diferente, estudamos as matemáticas como todo o mundo, aprendemos a história de nosso próprio país e comparamos alguns conteúdos comuns com os de outros países, alimentamo-nos de forma um pouco parecida com a de muitos outros grupos. Em que casos é ou não é conveniente e tolerável ser globalizado ou se deixar “colonizar” voluntariamente com outros? Que fronteiras ultrapassar e quais preservar? Evidentemente estamos diante de um construto desafiador e estimulante.

Verdadeiramente, esta última observação sobre a dificuldade de estabelecer fronteiras (em relação a definir o que é admissível que se expanda e que o adotemos, e com quem; e o que convém não expandir e com quem), tem uma importância fundamental para a educação, ao se converter em uma referência para determinar o currículo. Sobre que conteúdos culturais devemos nos apoiar? Depende da amplitude do “nós”. A educação pode ser instrumento para dar consciência dessa realidade e colaborar para desvendá-la. Esse seria o novo horizonte para o moderno princípio de “educar para a vida” que requer agora uma alfabetização cultural mais exigente, de horizontes muito mais amplos.

A globalização é uma forma de ver o mundo em que estamos

As metáforas da sociedade de sociedades (ou em rede) e a hibridação entre sociedades e culturas permitem-nos descobrir

matizes mais sutis para entender esse fenômeno complexo de muitas faces, multidirecional e contraditório, que é a globalização. Dessa maneira, pode-se conjugar o fato de que os participantes tenham capacidade desigual de influenciar, preservando a possibilidade da reciprocidade para os que dispõem de menor capacidade de influência. O mundo em rede é um mundo diferente no qual se produzem conexões múltiplas entre distâncias variáveis e com conteúdos distintos, no qual o protagonismo dos diferentes Estados, povos e culturas é desigual. Todos os fios participam na rede, mas nem por isso cada fio deixa de ser o que é nem tem o mesmo peso. Essa maneira de ver a realidade que se globaliza por meio de dinâmicas complexas é atraente por ser mais adequada para compreender os fenômenos culturais, em que as interdependências não são tão lineares nem tão unidirecionais como nos fenômenos econômicos, por exemplo.

Um mundo com essas características precisa ser explicado por meio de alguma teoria que dê conta da rede em que se mesclam o real, os pensamentos e os projetos locais. O que é complexo e contraditório só pode ser compreendido a partir do *paradigma da complexidade*. A rede é um tecido de fios interdependentes em que as conexões são de aspectos muito distintos e na qual operam forças que atuam em direções nem sempre e necessariamente coincidentes. A educação em um mundo globalizado precisa superar as obviedades e a clareza aparente dos fenômenos, abordar os temas e problemas de uma forma interdisciplinar e abandonar a tendência à especialização que os faz em pedaços. Como sugere Morin (2001), é preciso cultivar uma “inteligência geral” que aborde de maneira multidimensional os temas que são complexos. Que tipo humano estamos formando quando um estudante sabe as regras de combinação dos elementos químicos se, ao mesmo tempo, não consegue explicar as causas e consequências da poluição no mundo ou o terror à guerra biológica? Por que não se entende que a educação secundária, por exemplo, não deve jul-

gar os estudantes e hierarquizá-los por um conhecimento que perdeu em demasiadas ocasiões o poder de ser uma iniciação à ciência (o que proclama ser) nas matérias do currículo? Para entender o mundo interconectado, é preciso proporcionar conhecimentos vertebrados entre si.

Da necessidade de ver o mundo em rede de maneira global derivam exigências importantes para a formação e o modo de trabalhar dos professores, bem como para o planejamento do texto a partir do qual se desenvolverá o currículo, se é que desejamos que essa inteligência geral prospere. Essa é a nova forma de “educar para a vida”.

A globalização como ideologia

A representação do mundo como unidade globalizada, da economia ou da cultura, é *uma* visão de que podemos gostar ou não, ao apreciar os efeitos que produz e o ideal que representa. De certo modo, constitui uma ideologia. Como tal, apresenta dois de seus traços característicos. *Primeiro*, a pretensão de erigir-se em cosmovisão totalizadora da realidade, indo além dos dados que realmente conhecemos com segurança acerca dela, o que se traduz em visões deformadas, tanto no caso dos “globafílicos” (o mundo se globaliza, mas não muito) como no dos “globafóbicos” (para os quais significa um desastre anulador do local, próximo e conhecido). *Segundo*, constitui uma visão moral da realidade, carregada de valores positivos para os defensores e de contravalores para os críticos. A globalização é tolerável, defensável e desejável, ou não é? Depende.

Muitos dos processos que as dinâmicas de globalização implicam são difíceis de avaliar, pois é complicado escolher um ponto de vista para fazer as avaliações. Suas consequências são ambivalentes (com elas, alguns podem perder e outros podem ganhar), e só a médio e longo prazo adquirimos consciência do que representam seus efeitos. É bom globalizar

a justiça e julgar os tiranos em países diferentes daqueles em que cometeram suas arbitrariedades, como foi o processo empreendido contra Pinochet? É bom entender a democracia ocidental às formas de governo das comunidades indígenas? Deve-se impor a proibição da ablação das meninas em nossa sociedade, quando ela é considerada boa em sua cultura de origem? Todos devemos aprender uma mesma cultura na escola? Vamos continuar a comprar roupas fabricadas no Terceiro Mundo porque são mais baratas, mesmo se, com essa compra, tirarmos o emprego de nossos parentes e conhecidos?

Não é possível prescindir hoje da globalização que determinou a unificação do horário em escala planetária, embora saibamos que ela possui um referencial europeu. É difícil o intercâmbio de produtos sem a aceitação de um padrão-moeda, assim como a convivência entre os que são diferentes não é possível se não se universalizarem certas normas. A comunicação e os intercâmbios entre as pessoas, grupos e culturas implicam tanto a existência de algo diferente para trocar (pois do contrário não haveria nada para pedir emprestado, nada a acrescentar ao que já se tem, comprar ou vender aos outros) quanto à possibilidade de alguns instrumentos de comunicação e de regras para que os intercâmbios sejam possíveis, recíprocos, justos e voluntariamente assumidos, ao contrário do que foram os processos de colonização no passado. Como sugere Apel (1999), é preciso contrapor à universalização da globalização uma adequada contraglobalização e não a negação ou a resistência por si só. A educação pode ser um instrumento para uma resistência criativa.

Os grandes eixos da “arquitetura” da modernidade foram abalados

Dissemos que a tendência globalizante vem atuando em um contexto no qual operam outras tendências que concorrem com ela: neoliberalismo, sociedade da informação etc. A

trama de tudo isso está provocando uma série de transformações substanciais em cinco dos eixos básicos das sociedades modernas: o papel do *Estado*, a estruturação da *sociedade*, o *trabalho*, a *cultura* e o *sujeito*. As mudanças nesses eixos têm importantes projeções para a educação: para a forma de concebê-la, para a hierarquia de valores aos quais se julga que tem de servir, para as prioridades das políticas educacionais, para o entendimento da qualidade, o planejamento dos currículos, os procedimentos de controle das instituições escolares etc. Vamos resumir, em grandes traços, as alterações fundamentais que estão ocorrendo e suas conseqüências mais importantes.

Fenômenos concorrentes. Eixos afetados.
Conseqüências derivadas do novo contexto. Suas características predominantes.

Dinâmica da globalização.

Novas tecnologias.

Sociedade da informação.

Neoliberalismo político e econômico.

Estado (E).

Porosidade das fronteiras em que é possível atuar. O território sobre o que fazer a política econômica, educativa etc. é um marco sobre o que não tem todo o poder.

Redução, diminuição e desnaturalização do setor público que era provido e dirigido pelo Estado.

Desvalorização da política como terreno de confronto de posições e alternativas em favor do mercado.

Questionamento da cidadania, de suas possibilidades e do âmbito para seu exercício.

Sociedade (So).
Individualismo dos indivíduos na vida privada e no trabalho.

Desvalorização da participação na democracia ao se desvalorizar a política. Esta perde conteúdo quando se desterritorializa o âmbito de decisões sobre o que afeta os indivíduos.

Aumento das desigualdades, da segregação e da exclusão.

Ruptura dos laços de colaboração nas comunidades.

Desvalorização da socialização das instituições fundamentais clássicas: família, escolas, igrejas, partidos políticos...

Surgimento de agentes sociais substitutos do Estado (ONGs etc.).

Surgimento de novas solidariedades: em relação com a ecologia, com as gerações futuras...

Sociedades imersas em processos de transição permanente.

Migrações que abalam o *status quo* das sociedades receptoras.

Cultura (C)

Ampliação da informação virtualmente disponível, até a saturação que leva ao desconhecimento.

A *informação* muda o sentido do conhecimento e do saber.

Acessibilidade condicionada pelo conhecimento prévio: razão da igualdade e da discriminação.

Diferenciação do conceito de cultura. Dinâmica parcialmente independente dos diferentes sentidos de cultura.

Problemas suscitados pela multiculturalidade.

O trabalho (T).

Primazia do trabalho que requer competência intelectual.

Volubilidade dos empregos e das profissões: instabilidade social e das referências para os indivíduos.

Emprego precário e instabilidade familiar e dos sujeitos.

Trabalho desestruturado: trabalho autônomo...

Transnacionalização do conhecimento e dos meios de produção, porém não dos trabalhadores.

Insegurança na formação necessária para empregos em constante transformação e voláteis.

Sujeito e construção da subjetividade (Su).

Conseqüências contrapostas, em muitos casos mescladas:

a) Indivíduoação, autonomia e liberdade acentuadas (mais para uns que para outros), combinadas com a competitividade.

b) Renúncia à individualidade e entrega à massa ou à anomia. Refúgio no consumo.

c) Privacidade e independência pessoal, talvez à custa de isolamento, falta de solidariedade e de vínculo.

Indivíduos em liberdade devem ser capazes de escolher e de selecionar.

Falta de vínculos em relação às comunidades primárias.

Perda de referências seguras para a identidade pessoal.

Tendência a adotar identidades coletivas.

Demanda de sujeitos polivalentes, preparados para uma mudança contínua.

Futuro problemático como vínculo seguro para um projeto pessoal.

As conseqüências das mudanças de cenário para a educação

Uma tendência geral subjacente parece afetar o sujeito (Su), como conseqüência dessas mudanças que nos levam a outro tipo de realidade, que alguns denominam segunda e nova modernidade: a acentuação da ruptura e separação das referências nas quais se enraíza sua posição no mundo e dos âm-

bitos em que atua. O sujeito é afetado pela desintegração dos âmbitos em que encontrava segurança: (a) a faceta de ser um *membro da comunidade social* com a qual mantém vínculos (So); (b) seu papel de cidadão amparado por um Estado que lhe garante os direitos básicos da cidadania e a segurança necessária para o desenvolvimento de um projeto de vida autônomo e livre (E); (c) seu papel de trabalhador útil em uma estrutura produtiva que o inclui como indivíduo útil e lhe proporciona uma narrativa para o desenvolvimento de sua biografia pessoal (T); e (d) na medida em que é membro de uma cultura homogênea na qual sua identidade é agora mais instável (Cu).

As rupturas das referências para os sujeitos na nova modernidade

3. A educação em um mundo no qual se produzem processos de globalização

Como a educação constitui uma característica da realidade da economia, da sociedade e da cultura, podemos pressupor que será inevitavelmente afetada pelas mudanças suscitadas pelos processos de globalização, embora não se percam as referências de caráter mais local em que vinham atuando os sistemas educativos. O fenômeno que nos ocupa projeta demandas e conseqüências várias e contraditórias sobre os sistemas educativos. De imediato, são denunciados por que seus objetivos e práticas se revelam disfuncionais para a nova situação (mais do que já eram). São, ao mesmo tempo, requisitos tanto para servir à ideologia e dinâmica globalizante quanto para resistir a ela.

Um primeiro efeito importante da globalização, desde os anos 80, sob a orientação ideológica e política neoliberal que tem no mercado o seu eixo de referência, foi a deslegitimação e o esvaziamento do Estado, posto a serviço da satisfação dos

direitos básicos das pessoas e, em particular, o da educação em condições mínimas de igualdade. O resultado foi o solapamento do discurso e das políticas de distribuição da riqueza que sustentam os sistemas públicos de educação. Com o aumento das desigualdades, incrementaram-se a pobreza que condena à subnutrição e a falta de proteção da infância, não só no Terceiro Mundo, mas também nas sociedades ricas, constituindo o que Hewlett³ denomina uma *orientação antitinfantil* de desatenção às crianças. As políticas neoliberais que sustentam um mercado globalizado projetaram o economicismo, no qual se apóiam para definir os critérios acerca do que se entende por qualidade da educação. Deslocaram a política educacional, de uma incumbência do Estado, para o âmbito das decisões privadas. Desvalorizaram o sistema educativo como um fator de integração e inclusão social, em favor do incremento da iniciativa privada, da ideologia que busca um maior acoplamento do sistema escolar (os fluxos da população escolar, suas especialidades, seus currículos) ao mundo do trabalho e às necessidades da produtividade econômica, apoiando-se e acentuando as desigualdades sociais. Para que a globalização não seja apenas de mercados e capitais, mas a origem de sociedades mais prosperas, o que se precisa fortalecer são as políticas integradoras, não o incremento das desigualdades excludentes.

Outros efeitos corrosivos do fenômeno que nos ocupa, em aliança com a política neoliberal, refletem-se nas novas relações que se estabelecem entre as condições sociais, a educação e o trabalho, em um mercado de trabalho que se torna precário e se desestabiliza. A precariedade repercute na deterioração do ambiente familiar em que vivem as crianças, em geral, e supõe, como assinala Chomsky (2001), uma diminuição do “tempo de alta qualidade” que os pais podem dedicar integralmente à atenção e à interação com os filhos.

Por outro lado, a volubilidade das ocupações faz com que as profissões e os empregos, ao mudarem com rapidez, deixem

de ser referências seguras para alcançar e manter a identidade e realização das pessoas, assim como sua integração social (cf. Beck, 2001; Gortz, 1997 e Sennett, 2000). A educação continua a constituir um capital humano para a nova sociedade — inclusive se incrementa seu valor para o desempenho de novas profissões —, mas é um capital que não se apóia em uma moeda forte, poder-se-ia dizer, porque o capital útil muda de valor com rapidez: a educação tem de dotar alguns sujeitos de capital para reforçar e reconstruir neles uma capacitação que se desvaloriza. Embora seja discutível se a nova sociedade destrói mais emprego do que cria (cf. as teses contrapostas de Rifkin [1996] e de Carnoy [2001]), a precarização do mercado de trabalho desvaloriza os que dispõem de menos capital. Apresenta-se à educação o desafio de preparar para não se saber muito bem o quê, uma vez que se ignoram que saberes e competências serão rentáveis no futuro dos sujeitos, e de “investir” nesses saberes e competências. Pedir ao sistema educacional maior atenção e adequação às necessidades da sociedade é uma pretensão cujo êxito solapa as relações que poderiam ter existido entre a educação e o emprego (Gimeno, 2001b), porque se está pedindo que o sistema se ponha a serviço da produtividade e da competitividade que os mercados globalizados exigem, ainda que, ao mudarem rapidamente, nos deixem sem referências claras.

Em um terceiro plano, os processos de globalização afetam a educação porque incidem sobre os *sujeitos*, os conteúdos do *currículo* e as formas de *aprender*. O conceito e a demarcação do que se vem entendendo por cultura nas escolas, na nova configuração do mundo, devem ser ampliados para que todos se sintam incluídos. É necessário, por outro lado, compreender como as fórmulas básicas de transmissão de saberes estão sendo alteradas pela preeminência adquirida pelos canais de distribuição dos saberes à margem da educação formal. Essas duas exigências têm implicações muito diretas para a organi-

zação do currículo e para a formação dos professores, que deveria ser crítica, profunda e ampla. Os professores não serão substituídos pelas novas tecnologias, mas podem ficar ultrapassados e deslegitimados no novo panorama. Na sociedade da informação, os professores precisam informar-se mais e melhor (Gimeno, 2001c), porque precisam se converter em mediadores que orientem, estabeleçam critérios, sugiram, saibam integrar a informação dispersa, para os outros.

4. A cultura em um mundo global. Consequências para a educação

A cultura é dinâmica porque é alterada por sujeitos que dela se apropriam e a subjetivam. Foi e continuará a ser submetida a processos de globalização muito antes desse conceito ficar resstido às relações econômicas e mercantis. Mais que isso, é a ruptura das referências locais, o sair e o indagar fora do meio que nos limita, conhecer o que outros fazem, a criação de redes de sujeitos conectados entre si, a expansão de determinadas características culturais (a música, por exemplo), que fazem parte da essência da cultura; e poder-se-ia dizer que é, precisamente, nesse campo que primeiro se desencadeou um processo como o que vimos comentando.

O que hoje se reconhece como o fenômeno da globalização acelera processos existentes na dinâmica das culturas, adotando novas dimensões. A comunicação entre culturas, a adoção e absorção de elementos culturais procedentes de outros, eventualmente sua imposição, a universalização de certos padrões civilizatórios de pensamento e de comportamento ou o confronto entre culturas diferentes não são processos novos, mas constituem algo essencial na tradição e história de cada povo, além de ser também uma dinâmica permanente nos indivíduos. Não apenas o mundo é multicultural — diverso —, mas também cada cultura e cada indivíduo culturalizado em qualquer uma delas. Tudo é impuro, mistura e hibridação.

Essa condição manifesta-se de múltiplas formas e, para melhor compreendê-la, precisamos distinguir o que entendemos por cultura, pois esse é um termo com uma enorme ambigüidade.

a) Em primeiro lugar, podemos distinguir uma acepção de cultura no sentido *clássico* e moderno, que compreende o legado da memória histórica, que, em boa parte, é formada pela tradição codificada por meio da escrita (juntamente com as realizações que conservamos do passado e que enchem os museus e constituem o que se denomina de patrimônio cultural). Essa cultura “cultura” é formada pelos êxitos mais apreciados em cada momento, que se vão acumulando, se estruturando e organizando-se em uma série de campos de saber, de saber fazer e de formas de expressão: as ciências, as humanidades, as belas artes, assim como as habilidades próprias de cada campo que são necessárias para penetrar nesses âmbitos da cultura, para nos apropriarmos deles e para incrementá-los. É o sentido de “o culto”, ao qual, desde a Grécia e Roma clássicas, se atribuía o poder de cultivar o ser humano (*paideia*), sentido esse que o humanismo, a partir do Renascimento europeu, viria a tomar, oferecendo um modelo para uma “boa maneira de ser”, e que, posteriormente, o Iluminismo tomaria.

Os componentes dessa *cultura culta* têm sua origem em um território e procedem de determinados autores, embora nem sempre identificados. Entende-se, porém, que todas as contribuições passaram a constituir um legado anônimo, valorizado globalmente como positivo e digno de ser conservado, acrescentado e melhorado. É uma cultura que tende a se desterritorializar e a se deslocalizar, do ponto de vista geográfico e social (assim que se concede o prêmio Nobel de literatura, por exemplo, o livro é traduzido para outros idiomas, se é que já não o havia sido). Esse modesto escrito é realizado por um autor que, com o que aprendeu de outros, oferece uma visão, que será interpretada de novo por outros, não se sabe

quando nem onde, sob a condição de que disponham de uma língua falada por povos de culturas (agora em sentido antropológico) diferentes. Permanecerá à disposição de uma comunidade social, desde logo (é quase certo que não se restringe aos que vivem no Japão, por exemplo). Essa comunidade é potencialmente tão ampla que ninguém vai considerar que ele, pessoalmente, pertence a ela, embora esse trabalho com certeza possa pertencer a essa comunidade.

O conceito de multiculturalidade não costuma referir-se a essa acepção de cultura, a não ser que desse modo se aluda ao fato evidente de que existem e existiram diversas tradições nas manifestações literárias, artísticas, musicais, científicas etc. Isso significa que não há um só padrão, e sim múltiplos, mas com a peculiaridade de que, normalmente, a partir de cada um deles deram-se passos para se aproximar dos demais, buscando-se uns aos outros e interessando-se pelo que “o outro” sabe. Os que *cultivam* esse tipo de cultura e foram *cultivados* por ele geralmente estão inclinados a conhecer o outro, a se apropriar de suas contribuições, a misturar-se com o estranho, a “copiar”, sem que por isso se percam todas as singularidades locais. É assim que as culturas se fizeram heterogêneas. Assim funcionou o processo na literatura, na utilização de estilos arquitetônicos, na ciência e nas tecnologias. (Os autores do atentado às Torres Gêmeas não tiveram nenhuma objeção ao se apropriarem da cultura tecnológica estadunidense.) É preciso esforço para se apropriar dessa cultura, pois ela leva o selo da tendência universalizadora e, utilizada pela educação, pretende dotar o ser humano de uma nova natureza.

A globalização das culturas cultas, a aproximação ao que se sabe delas (o que os outros fizeram, pensaram, souberam, sua língua etc.) permitiu-nos dispor de um amplo capital cultural que está em constante processo de progressão. Somos potenciais beneficiários de um grande legado potencial. A partir de agora será muito determinante o que quero e o que posso

de cada um para explorar a informação disponível. Mas a existência de um capital cultural não significa — como ocorre com o econômico, utilizando a comparação realizada por Throsby (2001) — que ele esteja ativo e, portanto, disponível. Uma grande riqueza cultural artística de um país, uma grande tradição cultural, por exemplo, podem manter-se imobilizadas se não se disponibilizam os meios para fazer com que elas circulem. Sem boas bibliotecas e museus, sem meios eficazes de armazenamento, classificação e recuperação de documentação, sem meios de divulgação dos tesouros culturais, sem acesso físico fácil aos objetos culturais, com impostos elevados para a importação de livros, com preços abusivos para esses, sem meios para adquiri-los, sem uma política facilitadora de exposições, sem bons veiculadores de informação ou mediadores (professores, bibliotecários, guias de turismo etc.), de pouco serve o capital, se ficar imobilizado. É óbvio que a existência de um alto capital não significa, em si mesma, que ele flua espontaneamente e seja acessível para que todos possam se “capitalizar” com ele. As diferenças culturais, as desigualdades quanto à posse dos meios de acesso e à primeira dotação de um capital cultural básico para os indivíduos, bem como as atitudes e hábitos desses indivíduos, fazem da sociedade que globaliza a informação uma possibilidade que é uma plataforma desigual para os diferentes países, povos e indivíduos (Gimeno, 2001a). A sociedade da informação globalizada é hoje uma realidade para poucos e uma possibilidade factível para outros poucos. Para o resto, é fonte de dominação e de desigualdade.

b) Um segundo sentido da cultura, de origem alemã, utilizado pela primeira vez por Kant, e ao qual se dedicaria maior atenção no século XIX, é o que se refere à cultura como conjunto de experiências, tradições, modos de vida, de expressão, de habilidades e formas de ser de um povo ou comunidade com as quais se identifica, de fora, esse povo ou comunidade, bem como com as quais os indivíduos particulares se *identificam*

como seres que os unem a outros e são da mesma cultura. Essa aceção é a que possibilitou que se falasse de *culturas nacionais* e depois deu margem à sua aceção *étnica* ou antropológica, que está subjacente às expressões: "cultura alemã", "cultura basca", "cultura guarani", "cultura rural", "cultura cristã" etc.

Nessa segunda aceção ampliam-se os âmbitos ou conteúdos da cultura, englobando traços e aspectos muito diferentes (entre os que se incluem os da *cultura culta*, pois tudo o que não é pura natureza no ser humano é cultura). Mas o essencial é que a cultura adquira uma *referência territorial* (tem sua origem, suas raízes e sua expressão fundamentalmente em um território delimitado com mais ou menos precisão) e uma *demarkação social* (referida ao grupo de pessoas que se costuma considerar como *pertencentes* a essa cultura, embora geralmente não pertença só a elas). O importante dessa aceção é que em torno da cultura se constitui uma comunidade social, uma forma de pertença e alguns vínculos com os outros. Ao mesmo tempo delimitam-se "os outros", que são vistos como diferentes. Acentua-se, assim, o aspecto vivenciado da cultura e seu papel na construção da subjetividade. Ela está nos sujeitos, em seus modos de viver; graças a ela, eles se relacionam e se comunicam, constituem comunidades; por meio dela, dão sentido a tudo o que acontece e ao que ocorre com eles. Vivemos de acordo com uma cultura: com a cultura que tornamos nossa.

A globalização opera em relação a essa segunda aceção de cultura, de maneira peculiar nas circunstâncias atuais, tem efeitos contraditórios e é avaliada de forma muito desigual. Assinalaremos três cenários bem diferentes nos quais ocorrem processos relacionados com a globalização da cultura étnica.

1) Em primeiro lugar, graças às comunicações a distância e ao intercâmbio de produtos, os membros de comunidades culturais distintas podem se conhecer uns aos outros e inter-cambiar os traços, objetos, usos etc. que os caracterizam, sem necessidade de se deslocarem. Determinados elementos de al-

gumas culturas se deslocam com muita facilidade entre territórios e grupos sociais, impregnando a vida cotidiana. Os processos de hibridação que podem ocorrer permitem que cada grupo cultural, ancorado em seu território, possa continuar a manter uma especificidade, ao mesmo tempo que recebe e assimila influências de outros, o que permite a deslocalização de traços culturais, sem que exista comunicação social entre grupos culturais. É uma amostra da separação entre o cultural e o social de que falamos. Criam-se vínculos socioculturais quando se compartilham traços de cultura: quando se fala um mesmo idioma ou se pertence à mesma religião, o que se transforma em ténues vínculos sociais que podem propiciar outros contatos. Cada cultura local, em sentido antropológico, se conta com outras, até o ponto de não poder evitar essa contaminação, a não ser que se proíba ver os outros, ouvi-los ou saber deles.

Esses processos não são novos. Iniciaram-se com o correio, experimentaram um grande impulso com a difusão da escrita, graças à imprensa, continuaram a se incrementar de maneira exponencial com o telegrafo, o telefone, a televisão, e agora se ampliam e se aceleram mais com as novas tecnologias aplicadas à comunicação. A aceleração e extensão desses processos ampliam o âmbito de irradiação das influências das culturas dominantes no mundo em rede, incrementam os fluxos de informação, vão contaminando e hibridizando as culturas, de modo que o local, sem perder sua identidade, vai-se enaranhando nessa rede que nos aproxima de outros e que também nos contrapõe mais diretamente a eles, pelas diferenças que nos separam. Estabelecem-se proximidades e aproximam-se as diferenças. Os conflitos raciais de base cultural, entre religiões e comunidades linguísticas, por exemplo, são mostras de confrontações provocadas pela "aproximação" física de seus portadores. Porque quem se enfrenta, não o esqueçamos, são eles e as ações que empreendem, não as culturas. Os

conflitos entre crenças ou os conflitos linguísticos ocorrem entre os fiéis e os que falam aquela língua, por se sentirem incompatíveis com o "outro".

Essa aproximação e essa comunicação entre culturas foram e são produtos naturais dos contatos naturais, podendo ser apreciadas e desejadas ou não; embora saibamos muito bem que podem ser forçadas, impostas e agressivas.

2) Essa mescla cultural, sem intercâmbio social do tipo pessoal entre seres humanos, é paralela à que ocorre graças aos deslocamentos facilitados pelos meios de transporte, às trocas comerciais, ao turismo, ao intercâmbio de especialistas ou de artistas, graças às organizações internacionais, ao trabalho em empresas multinacionais etc. O visitante de outra cidade e de outra cultura abre-se aos outros, assimila algo deles, pode conhecê-los melhor, assim como se reconhece a si mesmo de outra maneira. Ao menos, é provocado pela evidência de sua própria identidade e de que não está só nem é o único no mundo. Os abundantes e frequentes deslocamentos provocam a deslocalização das culturas graças à qual os indivíduos se desterritorializam, mesmo que o façam só em momentos pontuais de suas vidas. Assentam-se desse modo as bases para desenvolver um cosmopolitismo em determinados setores sociais, que vivem em forma real no âmbito da globalização, dela se beneficiam dela e a desfrutam. Contudo, essas possibilidades não devem fazer-nos esquecer de que a maioria dos seres humanos não pode exercer esse cosmopolitismo, e por isso lhes será difícil sentirem-se cidadãos do mundo globalizado, ainda que sua vida venha a ficar marcada, mesmo sem que o saibam, por uma realidade que os ultrapassa e os afeta, embora não os inclua.

3) A revolução industrial produziu o êxodo da população dos núcleos rurais para as grandes cidades, provocando ruptura de raízes; separações que supuseram mudanças importantes para os deslocados, obrigados a assimilar novos elemen-

tos e traços culturais das sociedades que os acolheram. Foram migrações, no início, dentro de zonas econômicas relativamente homogêneas do ponto de vista cultural, pois ocorriam no interior das fronteiras dos Estados nacionais, embora começassem a mobilizar mão-de-obra "estrangeira" (palavra que significa estranho). Agora, a globalização econômica em nível mundial destrói o tecido produtivo de povos e países inteiros, provocando movimentos migratórios em maior escala e em direção a espaços mais afastados culturalmente.

Em ambos os casos, tanto dos deslocamentos voluntários como das migrações forçadas, o certo é que o reconhecimento de que a multiculturalidade existe já não provém do fato de saber que existem outras culturas por meio de relatos de viajantes ou de reportagens do *National Geographic*, mas sim do fato de constituir uma vivência para os cosmopolitas que se deslocam, para os emigrantes forçados e para seus receptores.

A globalização cultural, nesse sentido, tem conseqüências ambivalentes que demandam atenção contraditória por parte da educação. Supõem possibilidades de ter acesso ao estranho, de se enriquecer com o estranho, de rever e relativizar o que é próprio, de adquirir novas competências, estímulos que complementam e melhoram a cultura escolar etc. A recomendação seria fazer todo o necessário para ampliar o conhecimento sobre o outro e aprofundar-se nele.

Na medida em que a mistura tenha agrupe um número excessivo de elementos, seja imposta, forçada, compulsória ou traumática pode provocar alterações na identidade das pessoas, desentranhamento, insegurança e submissão, o que se traduz em uma globalização moralmente negativa que costuma ser agravada para os que a sofrem pela rejeição das sociedades receptoras. Ao lado disso, a perda da variedade cultural que costuma ser atribuída à globalização parece-nos uma objeção secundária, uma vez que há variedades culturais de que seus possuidores são os primeiros a quererem se livrar para pode-

rem viver mais dignamente ou de outra maneira. A heterogeneidade cultural não é um bem em si mesma, como tampouco o é a diversidade biológica em termos absolutos (quem salvaria certos vírus se pudéssemos suprimi-los?). O importante da diversidade é que há seres humanos vivendo-a, e eles são dignos de respeito ao vivê-la, tolerando sua diversidade. A heterogeneidade não deve ser fomentada ou preservada com políticas e práticas dedicadas a isso. Deve-se deixar que as opções continuem evoluindo, conhecendo-se mais entre si. Para julgar as perdas de heterogeneidade é preciso perguntar aos que a possuem se se sentem livres para fazê-lo ou se ficam mutilados ao deixarem alguns traços culturais e adotarem outros. O ser humano é a medida das coisas e também das culturas.

A educação pode continuar circunscrita à sua pretensão genuína de cultivar e desenvolver com suas práticas os conteúdos deduzidos do sentido “culto” da aceção de cultura, mas está atuando sempre com sujeitos transformados pelos processos que estão ocorrendo neste segundo sentido da cultura, pois é essa a base antropológica do ser humano. Trata-se de processos que não têm nas escolas o cenário principal de sua realização, mas sim na rua, no trabalho, nas igrejas e nos meios de comunicação. Às escolas chegam os conflitos e, como espaço social que são, elas são também cenários das relações interculturais entre grupos de diferentes classes sociais, religiões ou etnias. Nos casos de choque cultural, o multiculturalismo é um desafio a ser abordado, em caráter de urgência.

c) Finalmente, lida-se com um terceiro sentido da cultura: a de *massas*, que faz alusão a uma mescla de componentes amplamente difundidos entre a população: de símbolos, objetos, atividades culturais de lazer, assistência a espetáculos, aquisição de elementos artísticos ou expressivos que se popularizam (literatura popular, *best-sellers*, cinema, gravações musi-

cais amplamente divulgadas, produtos publicitários, artesanato etc.). Os meios de comunicação de massa poderiam ser considerados por antonomásia como os instrumentos que criam e difundem uma cultura na qual se mesclam e fundem conteúdos correspondentes a outras culturas (em sentido étnico).

Não pretendemos que essas três aceções de cultura sejam entendidas como categorias totalmente autônomas e independentes entre si, pois seus conteúdos ou significados se entrecruzam. Assim, por exemplo, determinados elementos da cultura clássica, como um quadro de Murillo, são incorporados como objeto de referência de uma forma de ser religiosa de um povo e passam a ser imagens decorativas populares nos calendários tradicionais. O mesmo ocorre com uma escultura móvel de Calder, que é imitada de mil formas e oferecida nos mercados de rua. Poderíamos confundir determinadas esculturas de Picasso (produto cultural *culto*) com outras figuras africanas (produto popular étnico) que são oferecidas nesses mesmos mercados, se o objeto culto não aparecesse no contexto de um museu, enquanto os populares estão dispostos no chão, aos pés de seus vendedores. Na verdade, produzem-se continuidades, substituições e empréstimos entre os diferentes sentidos da cultura. Como afirma Serres (2001), a cultura é porosa e não tem fronteiras delimitadas. A anunciada batalha entre o local e o global, que se estabelece entre um sentido de cultura como caracterizadora de um grupo humano determinado e uma cultura global mercantilizada que negaria tudo e demoliria a diversidade, é a expressão — segundo esse autor — de um temor que manifesta uma profunda incompreensão do que é o espaço cultural.

5. Algumas chaves para refazer o projeto da educação

Se consideramos que a educação deve continuar a propor modelos de ser humano e de sociedade, sem se limitar a se

adaptar às demandas do momento (o que não significa desconsiderá-las), não podemos ficar à espera do que nos seja demandado do exterior e reclamado pelo mercado, mas devemos defender determinada atitude comprometida com um projeto democraticamente elaborado, que sirva a um modelo flexível de indivíduo e de sociedade. Se considerarmos que a tendência que vimos discutindo, como outras, deve ser determinada pela sociedade que não vê em tudo isso uma fatalidade ou uma condição inexorável — pelo menos do modo como funciona —, mas julga que se podem tomar as rédeas do processo, então devemos nos perguntar o que podemos fazer em educação, que cidadãos temos de formar, em que condições, que cultura é preciso facilitar, para que tipo de sociedade, para qual mundo do trabalho etc. Em outras palavras, devemos partir da intuição do que deveria ser uma sociedade convenientemente globalizada. Isso não é nada fácil, tendo em vista que as instituições educativas são precisamente algumas das deslegitimadas e relegadas pela dinâmica da globalização. É preciso resgatar a idéia de que os sistemas de educação precisam estar a serviço de um tipo de sociedade aceitável, um princípio que caiu por terra com a decadência dos sistemas públicos. Se não há um projeto geral, é difícil dar uma resposta coerente à nova situação. A globalização, configurando realidades mais complexas e novas fontes de desigualdade, precisa de mais intervenção para “domesticá-la” em benefício de todos, não de que nos abstenhamos como se ela constituísse um processo desencadeado por extraterrestres.

Dadas as abundantes e controversas consequências que, do que foi comentado, se deduzem para a educação, optamos por enunciar neste limitado espaço, algumas epígrafes do que precisa ser planejado e revisto em relação aos sentidos de cultura que descrevemos.

Sentido ou tipos da cultura como objeto. Consequências educativas.

A cultura *culta* como legado da memória histórica: as ciências, as artes, as ciências, as humanidades, a tecnologia... É importante proporcionar a todos as ferramentas de acesso à informação disponível: línguas, tecnologias...

Fortalecer o papel cultural das escolas na *societade de sociedades* e como fonte de capital humano na sociedade da informação.

Progressivo incremento da exigência de um alto nível de competência na “inteligência geral”, que exige uma educação geral profunda.

Atualização constante do conhecimento. Uma vida de aprendizagem permanente que exige repensar o papel e o funcionamento das instituições educativas, da educação fundamental até a universidade.

Importância das atitudes críticas para navegar em um mundo de informação dispersa e variada, sem “hierarquizar”. Capacidade para se orientar, analisar e optar.

Valorização da universalidade das contribuições particulares ao legado comum.

Analisar a heterogeneidade de procedências da cultura que valorizamos com base em nosso padrão cultural particular.

Fomentar a aprendizagem interdisciplinar necessária para fundamentar a “inteligência geral” capaz de compreender e atuar no mundo complexo.

A cultura como formas de vida e expressão. O sentido ético da cultura e os processos de globalização.

Considerar a condição da diversidade entre as sociedades modernas e a pluralidade no interior de cada uma delas.

Como estamos desterritorializados, viver juntos exige:

diversidade
de
perspectivas
de vida
inter-
cultural
pluricultural

a) A abertura ao conhecimento de outras culturas e a des-centralização da visão da própria cultura, compreendendo-a como um produto e um processo vivo de mestiçagem.

b) Respeito e tolerância ativa em relação às formas de pensar e de ser dos "outros", dos que vemos como diferentes.

Crítica e revisão das opções culturais próprias, sem cair no relativismo.

Refazer o currículo, evitando as deformações a respeito do que acreditamos ser e a respeito de quem procedemos.

Necessidade do reconhecimento daquelas diferenças culturais que não se mostrem atentatórias para a dignidade das pessoas e cuja negação seria considerada como uma mutilação por parte dos afetados.

Despotencializar as "identidades fortes" e unidimensionais, aceitando as que são tolerantes.

Enfrentar os problemas da multiculturalidade a partir da perspectiva da cidadania democrática.

Explorar e aproveitar as possibilidades dos meios clássicos e das novas tecnologias para beneficiar-nos da extraterritorialidade da cultura como meio de nos tornarmos plurais e de nos aproximarmos dos outros.

O respeito à singularidade do indivíduo como ponto de partida para respeitar, tolerar e conviver com os grupos de indivíduos que possuem características culturais semelhantes.

Cultura de massas.

Considerar o que constitui a fonte de novas referências para as culturas dos estudantes.

Mescla de estímulos, visões, realidades e ficções que diluem a realidade em que cada um se encontra.

Fonte de mitos e ideais juvenis de vida, em competição com os que são transmitidos pelas escolas.

Preencher de conteúdos mais substantivos a cultura convertida em objeto dos hábitos de consumo.

Prestar atenção ao cotidiano que preenche nossas vidas e no qual investimos nossas afeições, ao passo que a escolaridade, pretensamente centrada no substantivo e no racional, não fundamenta hábitos nem atividades para tornar a vida cotidiana interessante.

Necessidade de fortalecer o sujeito para que avalie e saiba decidir em meio a apelos de modos de vida fáceis e superfúos.

Quadro resumo das implicações dos diferentes sentidos da cultura.

Notas

1. Algumas editoras de livros aproveitaram a oportunidade que o acontecimento lhes proporcionava para relançar a obra com a chamada "nova razão", "antecipou-se aos acontecimentos", com a qual certamente as vendas aumentaram. Tudo pode ser aproveitado.
2. No meio francófono adota-se o termo "mundialização".
3. No relatório da Unicef: *Child neglect in rich societies*, 1993.

Referências bibliográficas

- APEL, K. O. Globalización y la necesidad de una ética universal. *Debats*, n. 66, 1999, p. 49-67.
- BECK, U. *¿Qué es la globalización?* Barcelona, Paidós, 1998.
- _____. *Un nuevo mundo feliz*. Barcelona, Paidós, 2001.
- CARNOY, M. *El trabajo flexible*. Madrid, Alianza, 2001.
- CHOMSKY, N. *La (des)educación*. Barcelona, Crítica, 2001.
- GIMENO, J. *Educar y convivir en la cultura global*. Madrid, Morata, 2001a.
- _____. Conocimiento, escolaridad y vida activa. In: LÓPEZ, A. & HERNÁNDEZ ARISTU, J. (orgs.). *Jóvenes más allá del empleo*. Valencia, Nau Llibres, 2001b, p. 63-89.

- GIMENO, J. ¿Debe informar la escuela en la sociedad de la información? *Investigación en la escuela*, n. 43, 2001c, p. 15-25.
- GORZ, A. *Metamorfosis del trabajo*. Madrid, Ediciones Sistema, 1997.
- MORIN, E. *Los siete saberes necesarios para la educación del futuro*. Buenos Aires, Nueva Visión, 2001.
- RIFKIN, J. *Fin del trabajo. Nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era*. Barcelona, Paidós, 1996.
- SENNETT, R. *La corrosión del carácter*. Barcelona, Anagrama, 2000.
- SERRERES, M. Cultura globalizada y cultura global. *Le Monde Diplomatique*, n. 71, set. 2001.
- THROSBY, D. *Economía y cultura*. Madrid, Cambridge University Press, 2001.